

«Ir para a noite» — Cultura nocturna e identidade juvenil

Pedro Moura Ferreira
Instituto de Ciência Sociais, Lisboa, Portugal

Introdução

A comunicação debruça-se sobre um itinerário de pesquisa em torno de um dos aspectos mais visíveis da cultura juvenil contemporânea — o ir (sair) para a noite. Não se trata de um texto acabado, mas antes em progresso, reflectindo o estado incipiente da pesquisa. O que se apresenta é uma deambulação etnográfica pelo terreno da pesquisa, proporcionando as primeiras impressões, diálogos e reflexões que se colheram. É também um ensaio em que se usam alguns conceitos como lentes do que se observou. Um uso evasivo, raramente explícito, que se repete no que concerne à bibliografia. A natureza incipiente e o carácter deambulatório do texto servem como justificação. Tem, no entanto, a pretensão de evidenciar, ou pelo menos de sugerir, dimensões de análise e de categorias teóricas que possam pertinentemente nortear a incursão por um terreno tão simbolicamente carregado na cultura da cidade e que se afirma como uma dos eixos centrais da reinvenção das identidades juvenis contemporâneas.

Cenários e lugares

O cenário acontece numa cidade turística no Sul de Portugal. Voltada para o oceano, faz da praia extensa, das areias finas, das falésias amareladas a sua imagem de marca e a base da economia. Com os seus hotéis hasteados ao longo da falésia, a cidade segue o ciclo da chegada e da partida de turistas. O verão quente, que marca a estação alta, recebe milhares e milhares de turistas, vindo de quase toda a parte da Europa: do norte, do centro e, mais recentemente, do leste europeu. O Inverno ameno serve de refúgio a milhares de reformados que fogem de Invernos sombrios e chuvosos,

porventura mais solitários. Mas hoje como ontem a procura continua a ser principalmente de origem britânica, a que se juntou nos anos mais recentes, em virtude da prosperidade económica alcançada, a de origem irlandesa. A geografia cultural do turismo espelha-se nos corpos balançantes em virtude de um tempo que, nos hábitos meteorológicos desses turistas, é quase sempre, por vezes excessivamente, quente; na língua inglesa falada, quase uma segunda língua, um pouco por todo o lado, sobretudo nas lojas, nos restaurantes, na rua; na língua inglesa escrita em tudo quanto é expositor público, anunciando comida, dormida, diversão; nos estilos de vida importados, flagrantemente evidenciados na cultura do *Irish pub* que povoa parte da cidade que se volta para o mar. A outra parte, a que se estende ao longo do rio, e a que se vira e se expande para o interior, na busca de novas fronteiras, vive do frenesim dessa procura. A economia prospera com o volume turístico, e adormece quando a procura se contrai quer por causa do ciclo anual, quer por causa da concorrência alheia ou de uma fase depressiva que atravessa a economia dos países de origem dos fluxos turísticos.

A cidade, a sua economia, é ponto de partida para a compreensão da noite, que antes de ser dos jovens, é primeiramente da cidade. A noite é parte da economia. É, depois da praia, a segunda engrenagem da fábrica do turismo. Sol, praia. Noite, diversão. São as palavras mote da oferta e do tipo de turismo que se instala. Turismo de massas, assim se chama. Definido pelo número, pela altura do ano, invariavelmente Julho e Agosto, pelos pacotes económicos comprados antecipadamente ou na promoção de última hora, pela chegada em voo charter. A cidade é a praia e a noite quente dos subúrbios, das periferias, das zonas de renda baixa das cidades inglesas e irlandesas. Busca de sol, escaldando muito rapidamente corpos níveos, durante o dia. Busca de diversão, prolongando a vernácula cultura do álcool dos seus países, durante a noite. São imagens algo estereotipadas, possivelmente longe de se sobreporem à realidade, mas de tanto persistirem nas representações autóctones acabam por se tornar parte indissociável dessa mesma realidade. Também do folclore e da imagem que identifica a cidade-turística; a que se junta a representação, a atmosfera imaginária e real da permissividade sexual, da procura de parceiros, do sexo casual e do *flirtation*. Talvez imagens excessivas. Há também famílias, crianças pulando na rua ou na praia, mas estas não transpiram nas representações, nas linguagens que os autóctones produzem para representar a cidade e a si próprios.

A economia da noite é a economia da diversão. Ao contrário da economia do dia, assente na praia e no sol, e que contempla e explora em primeiro lugar um

enquadramento natural, que passa pelo sol, pela paisagem e por águas amenas, a economia da noite, excluindo o calor quente da noite, que constitui um dos ingredientes indispensável do verão, convoca toda uma infra-estrutura material e humana. Referimos já à pulverização dos *Irish pubs*, com uma cultura de bebida, principalmente de cerveja, e um ambiente por vezes insuportavelmente ruidoso que se alimenta de relatos e de transmissões futebolísticas, de música britânica ou irlandesa, ao vivo ou reproduzida conforme a hora do dia, e da natural efervescência de quem se anima ou regozija com a vitória do seu clube, com a canção que fez sucesso na sua juventude ou com a degustação das palavras à medida que as cervejas se vão sucedendo. A estes bares, juntam-se outros e alguns cafés, de origem nacional, mas explorando sempre o mesmo cliente: os turistas. A diferença está mais na música, que, salvo raras exceções, reproduz os sucessos comerciais de momento, ou então é inexistente, e na configuração estilística, que se afasta do tipo *Irish pub*. Como estes, distribuem-se pela parte da cidade virada para o mar, mas tendem todos eles a concentrar-se em ambos os lados da rua que atravessa a cidade ao longo da linha do mar e que se abeira, pelo menos em alguns pontos, da falésia. A vida nocturna gira em torno desta rua, sobretudo na zona em que se encontram instaladas as discotecas, confinando umas com as outras, ou apenas distanciadas por algumas dezenas de metros, e onde se concentra o maior número de bares. É nesta rua que a noite, ou pelo menos parte dela¹, acontece. Mas para os jovens é lá que acontece, exclusivamente.

A noite dos jovens insere-se pois numa economia, num tipo particular de economia — o turismo de massas. Este é um elemento extremamente condicionante da oferta da noite. Toda a estrutura está voltada para responder às necessidades de sociabilização, divertimento e evasão das multidões que bombeiam a cidade nos meses de verão. É com essas enchentes, que os múltiplos negócios da noite, e não só da noite, saldaram as receitas magras dos meses da estação baixa. Todos esses negócios, a infra-estrutura material, seria insustentável se dependesse apenas da procura interna. Mas é

¹ É um pouco simplificador restringir a oferta nocturna a esta rua, e nela a uma zona de duas ou três centenas de metros delimitada, na parte oriental, pela discoteca *Katedral* e, na ocidental, pelo *Vox*, que é mais disco bar do que discoteca. Mais a oriente dessa mesma rua, encontra-se o casino, com outro tipo de oferta, e atraindo possivelmente outras clientelas. A marina também oferece um roteiro nocturno, com uma oferta menos efervescente, ou para outros públicos. A zona ribeirinha, durante o verão, tem também atracções e lazeres nocturnos. Também não contemplamos na cultura da noite a cultura da prostituição, relegada para a zona antiga junto do porto, ou para clubes de acesso reservado. A razão para todas estas exclusões tem a ver com o facto de esses espaços não fazerem parte do itinerário nocturno da juventude *mainstream* da cidade. Como referiremos, a noite juvenil acontece nessa rua, nas discotecas, bares e cafés que a tornam o espaço da noite por excelência.

esta, e dentro desta a dos jovens, que alimenta a oferta ao longo da maior parte do ano. Mesmo assim, parte substancial dos negócios da noite fecha com o declive do sol e só volta a emergir com a chegada do equinócio.

Para um observador externo é evidente que a cidade tem uma infra-estrutura permanente de diversão nocturna, mesmo que uma parte dela encerre na maior parte do ano, implantada numa área relativamente delimitada, ainda que privilegiada, da cidade. É talvez o grau de concentração da diversão que lhe dá o seu ar peculiar. Outras cidades, menos turísticas, têm o espaço da noite mais diluído na malha urbana. Pelo contrário, a cidade que observamos, à semelhança de outras cidades turísticas, tende a concentrá-lo em espaços confinados, ao longo de uma rua principal, que descontinuamente se ramificam pelo bairro que a circunda. A resultante deste carácter confinado do espaço da noite é torná-lo simultaneamente seguro e conflituoso. Seguro, porque todos estão lá, há sempre gente que se conhece, que se reconhece, que se vigia ou se protege. Conflituoso, porque a proximidade, as interações frequentes, a partilha do território dá pretexto para que a animosidade se revele, a provocação se instale e o conflito ecluda. O espaço da noite espelha o movimento da cidade, noutra ritmo e, porventura, sob outras luzes.

Ritmos e temporalidades

Os movimentos da cidade estão assim presentes na noite. Marcam-na de forma diferente da economia, com o ciclo turístico das enchentes dos meses quentes. A cidade projecta os ritmos dos seus habitantes, compostos de estilos de vida, estruturas ocupacionais, organizações familiares e cursos de vida. Eles se cruzam na noite, especialmente na contracção e expansão que o mercado regista ao longo da semana. A desertificação dos espaços, a rarefacção do movimento começa-se a sentir a partir de Domingo. A agonia dos dois dias seguintes. E o ressurgir da diversão na quarta, ainda de forma tímida, sobretudo impulsionada por eventos promocionais, organizados em torno de uma banda ao vivo, ou de um público-alvo, como os universitários. Sexta, a feição da noite muda: os espaços estão mais cheios, os transeuntes regressam aos passeios, a música esvai-se das janelas para a rua. Sábado atinge o zénite da semana. Tudo enche, tudo transborda, tudo mexe. A noite arrasa até madrugada.

A cadência semanal não é uma constante. Articula-se ao ciclo anual, que por sua vez se mistura com a economia do turismo. No Inverno há mais frio, menos gente. A

meteorologia tem a sua influência, mas o movimento da cidade dita as condições. As escolas estão abertas, as férias distantes. Os jovens estão sujeitos às exigências das aulas, aos calendários dos exames, a vigilâncias familiares mais apertadas. É isso que explica a diferença de Sábado — é o dia de sair para a noite. Ao contrário de sexta, cujo início é ainda marcado ao acordar pelo horário escolar, Sábado é dia livre que permite alongar o sono por horários impensáveis à semana, e recuperar a força e a disposição necessárias ao itinerário noturno.

No verão, o calor traz mudanças, convida a sair, a permanecer menos em casa. Os ritmos escolares também. Para uns, logo que o ciclo escolar se encerre. Para outros, logo após a conclusão dos exames. Mas, quer uns quer outros, têm pela frente semanas que não são mais geridas pelo calendário e exigências escolares, em que é possível decidir mais livremente o andamento a dar à vida quotidiana. Mais tempo livre, mas também mais lazer. Estamos na estação quente, os turistas bombeiam a cidade, há eventos por todo o lado. O mercado da noite está no seu esplendor. E o município multiplica as iniciativas de todo o tipo — culturais, desportistas, gastronómicas — para manter animada a vida urbana e lubrificada a máquina da cidade. Há mais dias da semana que viram Sábado!

Os tempos da semana têm pois de ser metidos no calendário, no tempo do ano. E depois, no tempo da cidade, que é o tempo da economia e da organização urbanas. A deslocação por esses tempos, muda o significado da noite. Voltemos ao ciclo das estações. Na época baixa, o sair para a noite privilegia o Sábado. É o dia, ou parte do dia, que se contrapõe ao resto da semana, que fica de fora do espartilho escolar ou da rotina laboral. Representa uma ruptura, ou pelo menos uma descontinuidade, em relação ao ritmo e à organização dos outros dias da semana. Instala outro tempo. De divertimento, sociabilização, evasão. É o reverso da semana: o aleatório em vez da ordenação, o intemporal em vez da previsibilidade. Sair para a noite é sinónimo de Sábado à noite. Mas, na época alta, tal como o tempo, o significado muda. Parte da culpa recai nas férias escolares que introduz outra ordenação quotidiana na vida de milhares de jovens; à qual se junta, os veraneios dos turistas e toda a panóplia de eventos e a efervescência económica que a sua presença convoca.

Como referimos, os ritmos da cidade são neste período frenéticos. As solicitações são inúmeras, e há tempo para reinventar o quotidiano, ou seja, adaptar as disponibilidades temporais às possibilidades de lazer. Os quotidianos dos jovens, sobretudo dos estudantes, diversificam-se e são mais marcados pelo lazer. Os estilos de

vida expandem-se. É possível sair para a noite a qualquer dia da semana, ainda que sexta e sábado continuem os mais badalados. E permanecer na noite até ao fim, porque no dia seguinte não há despertar obrigatório, e o sono pode estender-se pelo dia fora, em casa ou na praia sob o sol. Para certos grupos de jovens, a noite vira dia, e o dia, noite. Fundem as temporalidades diurnas e nocturnas, e confundem a sequência dos dias. É evidente que apenas uma parte dos jovens, possivelmente apenas uma pequena parte, entra neste frenesim trazido pelo calor e pela abundância do tempo livre. A maioria não se entrega, ou entrega-se muito menos, a esta confusão das fronteiras que separam as temporalidades quotidianas. Ou porque a atracção da noite não é assim tão irresistível, ou porque a vigilância familiar apesar de atenuada não desarma de todo, ou ainda porque os vínculos constrangedores se mantêm, especialmente para os que trabalham. Porque é bom lembrar, que, para esses, o Verão traz também mais trabalho e rendimentos que contrabalançam a penúria da época baixa, e abre um mercado de trabalho temporário a que muitos jovens recorrem para obterem rendimentos suplementares aos que são proporcionados pelas famílias, e com os quais alimentam os desejos consumistas impostos pelos seus estilos de vida, designadamente no que respeita ao consumo nocturno. Para estes jovens que trabalham ou que aproveitam este período para trabalhar, as disponibilidades de tempo são menores, e, conseqüentemente, mais limitadas as suas possibilidades de lazer. O Sábado, a noite de Sábado, ou a de outro dia da semana, já que a indústria turística está muito sujeita ao trabalho por turnos, conservará a distinção de ser o dia em que esses jovens são, ou podem ser, como os outros jovens. Como os outros é uma maneira de dizer, porque a noite não apaga as diferenças sociais, e, por vezes, estabelece-as e reforça-as, como veremos. Mas seja como for, a noite nos meses quentes é diferente para todos, mesmo que por razões diferentes. A economia turística expande os lazeres nocturnos, atrai mais gente, e de todo o lado. O movimento é constante ao longo do dia, e à noite não pára. A envolvência da cidade impõe-se assim a todos, afectando, mudando ou reconstruindo os quotidianos, os estilos de vida e as identidades juvenis.

Do lado da oferta

A noite faz-se da conjugação da oferta e da procura. Soa artificial desconectá-las. Não é possível imaginar, por exemplo um *Irish pub*, sem a gente que o frequenta e sustenta a cultura que lhe é própria. Mas o observador que mergulha na parte da cidade

voltada para o mar rapidamente se apercebe que a oferta da noite é fisicamente diversificada. Há discotecas, bares, *pubs*, cafés. Espaços abertos para a rua, outros para o lado da falésia, outros ainda em lugares mais recônditos, fora da vista de quem anda na rua em que a noite rola. Há também diversificação funcional, mesmo especialização, pelo menos em alguns casos. Espaços mais voltados para a dança, como as discotecas ou os bares com área de dança; outros proporcionando sociabilidades, às vezes amenas, outras exaltadas, em torno da bebida; outros ainda, mais ruidosos, fazendo da música o seu *leitmotiv*, a que se acrescenta o consumo de álcool.

Mais difícil de aperceber e caracterizar, é a diversidade cultural. Há, evidentemente, uma diversidade óbvia, e já muitas vezes referida, que se manifesta no *Irish pub*. Mas a sua razão de ser reside na população estrangeira que visita ou reside na cidade. É uma espécie de importação que acompanha os estilos de vida trazidos pelo fluxo turístico. A cultura do *Irish pub* é completamente estranha à dos cafés nacionais, mas no caso que comentamos faz parte do cenário da cidade. Porque, em certo sentido, coexistem nela duas culturas nacionais que não se confundem, e muito menos se fundem. Mas as diferenças entre nacionais e estrangeiros não é muito relevante para diferenciar a oferta da noite, na medida em que pode ser caracterizada a partir da cultura da música, a que se junta em alguns casos a dança, e a do álcool.

Antes de os espaços se encherem, a música marca já presença. A oferta musical é parte da identidade cultural. Sem ela, não estaria completa, por exemplo, a cultura do *Irish pub*. A diversidade cultural passa, sem dúvida, pela música. Que sons e ritmos se ouvem na noite da cidade? E tão importante como o que se ouve é onde se ouve. Falemos primeiro do *mainstream*, ou da parte a que ainda não se referiu, porque a outra, a que tem lugar no *Irish pubs*, já foi suficientemente comentada. Das discotecas saem principalmente os sons e os ritmos do que se costuma designar por música comercial, ou seja, a que é vinculada pelos *media* da cultura globalizada e que assume expressão visual através dos vídeos clipes transmitidos pelo circuito da MTV e que surgem projectados nos LDC colocados nas paredes dos espaços de diversão.

A sensação de se poder estar em qualquer lado é comum nesses espaços. A música que se ouve pode ser ouvida em qualquer lugar do planeta que se encontre ligado à cultura globalizada. Tudo se torna facilmente reconhecível por todos, dando origem a uma mímica corporal, mais ou menos universal, que substitui a linguagem como veículo de comunicação. A música comercial é o esperanto da diversão nocturna. É ela que convoca e mantém junta a gente que procura a discoteca. Mas, por muito

presente que esteja, a música comercial não tem o monopólio da dança. É certo que é praticamente omnipresente nas discotecas, mas noutros espaços em que se dança, como no disco bar, essa hegemonia cede lugar a outra música, ou intercala outros sons e ritmos. Nem sempre, é verdade, mas certos eventos que se promovem para atrair clientes em dias de menos movimento, recorrem à música de outras latitudes. Por exemplo, às quartas, o *Vox* convoca a música angolana. O menu musical do *A noite* é em grande parte formado por música brasileira. Não quer dizer que essa música não tenha também a sua componente comercial, mesmo quando tem uma evidente origem popular, como no caso da música angolana. Mas estamos fora do *mainstream* da cultura globalizada e entramos noutros territórios culturais que fazem também parte da paisagem do mundo. A oferta musical vai sempre ao encontro de uma identidade cultural. Por isso, outros espaços, sobretudo alguns bares, proporcionam outra oferta musical, seja porque a diferenciação pode atrair o público que se afasta da cultura *mainstream*, seja porque o estilo reflecte as preferências musicais do proprietário. Mesmo assim, a oferta que dispensa os sucessos do momento insere-se em estilos facilmente reconhecíveis, como as diferentes modulações do *rock*. Em todo caso, este tipo de oferta é bastante minoritário, tornando os espaços alternativos bastante escassos, para não dizer quase inexistentes. A diferença faz-se principalmente em relação à música comercial, não existindo uma segmentação em função de estilos musicais consagrados. Fora do *mainstream* musical, a oferta tende a ser relativamente eclética e pouco segmentada, reflectindo muito possivelmente uma procura também ela bastante eclética. Estilos musicais que encontram grande ressonância junto dos jovens de todas as latitudes, surgem ausentes da oferta nocturna da cidade. O campo musical reflecte também a economia da cidade, ou seja, o peso do turismo de massa e a fragilidade dos grupos urbanos, sobretudo juvenis, insuficientemente numerosos e sofisticados para poderem sustentar uma procura interna diversificada e segmentada.

Segundo ingrediente da cultura da noite, o álcool. Não há noite sem álcool. Como a música, está presente em qualquer lugar, nas discotecas, nos bares, nos cafés, até na rua. Como a música, alimenta também a sociabilidade. Não é um elemento obrigatório, mas faz parte da experiência juvenil, mesmo dos que não bebem. É também o elemento eruptivo da noite. Se descontraí, se desinibe, também provoca e arrasa. A confusão que por vezes se instala na noite, a que se associa muitas vezes a violência, dificilmente é concebível sem o excesso que se imputa ao álcool. Seja como for, não é agora o lugar para falar dos usos e dos abusos associados ao seu consumo. Estamos

ainda a falar do lado da oferta, e é essa oferta que nos retém. Parece que pouco há a dizer sobre a oferta do álcool. Em qualquer lado se pode consumir o que quer que seja e se deseja, ou quase. Na oferta o que chama a atenção, mais do que o tipo de consumo, é a especialização dos lugares. Os jovens não podem beber o que quer que seja, qualquer que seja o lugar. Primeiro, por causa da idade. Exclui e nega o acesso dos mais novos a certos espaços, como as discotecas. Segundo, por causa do custo. Muito jovens não têm capacidade económica para poderem sustentar os preços geralmente elevados das bebidas nos espaços que mais atraem e enchem. Devido a estas interdições e impedimentos, certos bares especializam-se na oferta dirigida aos jovens. O *Karlos* é um bar que se volta para eles, procurando satisfazer as suas necessidades de consumo. Quando me deparei com ele pela minha vez, inevitavelmente num Sábado à noite, foi devido a ter avistado, quando me passeava pela rua principal, ao fundo de umas galerias, uma multidão de jovens. Uma aglomeração em pleno Inverno chama a atenção, atendendo a que o movimento das ruas é muito pouco concorrido. As galerias, que abrigam um espaço comercial, em que a maioria das lojas encerra na época baixa, proporcionam uma zona calma e isolada, apenas perturbada pelos consumos e sociabilidades juvenis. Aí se reúnem, como ponto de encontro para o início do itinerário nocturno, galeras de jovens. Alguns começam por juntar-se para comer, porque o início da noite começa exactamente por comer fora, em grupo. Mas a maioria espalha-se por mesas que ocupam a parte exterior da loja que é bar e que por ser demasiada contida não pode abarcar no seu interior as dezenas de jovens que se apinham no local. Nem tão pouco há lugares sentados para todos. Pouco importa, bebe-se de pé. Rapazes e raparigas, sentados ou não, esvaziam copos de sangria. Uma mistura de vinho, normalmente tinto, com água mineral, açúcar, laranja e limão. Surpreende a presença deste tipo de bebida, sabendo que o vinho tinto não recolhe simpatia nos consumos alcoólicos juvenis. Mas compreende-se porquê. O sabor doce disfarça o sabor do vinho, tornando-o agradável e aproximando-o dos sabores de outras bebidas. Depois, o preço. Mais barata do que a cerveja, e com teor alcoólico superior. O efeito do metanol não tarda a sentir-se ao fim de algum tempo, dependendo das vezes que se enchem os copos e da velocidade a que se bebe. Os efeitos são rapidamente visíveis na animação que reina, na exaltação de alguns, e no descontrolo de um ou outro que começa a solicitar a vigilância, e não tarda que a ajuda também, dos amigos. Ainda que para aqueles que não souberam controlar a ingestão do álcool e deixaram de saber manter o equilíbrio, a noite tenha acabado aqui, para os outros apenas se dobrou o seu limiar.

A cerveja é também outro consumo popular. Pode-se bebê-la praticamente em todo o lado. Mas quando se trata de consumi-la em quantidade, o caso muda de figura. Os bares, que proporcionam lugares mais elaborados e agradáveis, baseados numa mistura de decoração, luminosidade e música, e em que o ambiente da noite é mais facilmente fabricado e reconhecido, são demasiado caros para um consumo recorrente. A opção é juntarem-se em bares que são no fundo cafés e que vendem a cerveja a preços iguais aos praticados fora do negócio da noite. Aí se juntam os jovens quando estão virados para o consumo de cerveja, ou não querem iniciar a noite pagando em demasia pelas bebidas.

Há outro lugar para se beber cerveja a preços comuns: na rua. Junto a um pequeno largo que dá acesso à zona pedonal que se abeira da falésia, situado perto da zona das discotecas, estacionam durante toda a noite, uns atrelados movido a pedais, como as bicicletas, carregados de cerveja, água fresca e sandes. Estes empresários deambulatórios aproveitam um nicho do mercado causado pela venda inflacionada das bebidas. Os jovens são preferencialmente o público-alvo. Aqui abastecem-se de cerveja e de água, que pode ser de grande ajuda, e é o único lugar em que podem saciar a fome dentro do orçamento geralmente magro de que dispõem para o consumo dessa noite. Mas esta concorrência desleal tem uma eficácia limitada. A circulação de dentro para fora das discotecas é vigiada e, evidentemente, não é do interesse dos seus proprietários permitir que os jovens se divirtam dentro e consumam fora. É só quando abandonam definitivamente os locais em que se divertem, que os jovens se podem abastecer a preços mais módicos.

Estas limitações não se colocam quando o itinerário nocturno apenas deambula, ou está na fase de deambular, de bar em bar. Se os tempos de permanência não forem muito dilatados, o consumo de rua é mais recorrente. Como se defendem os bares deste desvio da procura? Desde logo, pelo cenário que proporcionam, tornando mais apetecível permanecer dentro dele do que na rua. Depois há a música, principal ingrediente para criar o ambiente tão necessário para que a noite seja noite. Sobretudo se for ao vivo, cria uma ambiência intensa, às vezes exaltada, e interactiva, que proporciona fusões emocionais colectivas. Como complemento, mas base do negócio, surge a bebida. A oferta é dilatada, ainda que inclua a cerveja. De toda a panóplia de bebidas possíveis e de misturas que a imaginação concebe, os *shots* têm vindo a receber a preferência dos jovens. Não que outras bebidas e misturas não sejam também experimentadas e consumidas. Mas os *shots* combinam a doçura, que disfarça o sabor

do álcool, com o teor alcoólico elevado, a um preço aceitável. É talvez a via mais rápida para subir ao estado de inebriamento desejado, à leveza de quem julga que alcança o reconhecimento ou a evidência que não encontra noutra local oportunidade para se exprimir. Tal é o sucesso dos *shots*, que alguns bares são reconhecidamente especializados na oferta destas bebidas. Se a noite é de *shots*, é lá que se começa ou se acaba.

Sangria, cerveja e *shots*, a que se junta em certas circunstâncias água, são as bebidas do consumo nocturno. Um consumo que é até certo ponto especializado, muito por culpa dos preços inflacionados das bebidas. Mas os preços nem sempre são determinantes. Há que juntar o outro lado, o da procura, para que a noite possa acontecer!

Do lado da procura

A «fabricação» da noite é hoje uma marca clara da cultura juvenil. Em qualquer cidade europeia a cena nocturna é ocupada essencialmente por jovens. De que jovens, se falará depois. Por ora, importa sublinhar que a noite já não é mais como outrora uma ocupação masculina e de grupos mais ou menos marginais ou boémios. Talvez, por isso, inspirasse receio e fosse considerada lugar de desordem. Nos nossos dias, a noite virou atracção, lugar onde é possível activar as emoções, e entregar-se ao lado hedonístico da existência. Todos entram, sem distinções, de género ou de outra ordem, exceptuando talvez a etária, porque cada vez mais a entrada na noite é mais jovem. É a procura do prazer, sob a forma da sociabilidade, da excitação ou da expressão, que atrai. É também a procura de uma outra cadênciã quotidiana, de um outro movimento. Como o prazer é também desejo, a noite é uma procura insaciável, nunca satisfeita, apenas adiada. É algo que se constata nos jovens, a noite que se repete, cansa. É necessário renová-la, para que o desejo possa continuar. Daí a busca, a mudança permanente de lugares, de partidas para lugares mais longínquos, quer em termos de distâncias físicas, quer em termos de experiência vivencial, sofisticando os lugares e as cenas que fazem a noite.

Sem os itinerários imaginários não se entendem os itinerários nocturnos. Porque, primeiramente, a noite é um movimento: o lugar onde começa nunca é o lugar onde acaba. Marcam os lugares com antecedência ou de improviso, ao sabor do momento. O lugar de encontro é variado: na casa de alguém, no café da zona em que habitam, num lugar já metido no espaço da diversão, como um restaurante ou um bar, o *Karlos* por

exemplo. Seja o que for, é só a primeira etapa. Consoante o lugar, variará o tempo de permanência. No caso da rua ou do café da esquina ou mesmo na casa de um deles a permanência é relativamente curta. O tempo de se juntarem, por vezes de decidirem, se não estiver tudo decidido, ou então de alterarem decisões e rumarem para outros destinos; a que se junta, quando o encontro acontece no café, o tempo de acabar as bebidas que se pedem enquanto se aguarda a chegada dos outros. Por fim, juntos abalançam-se na noite.

O itinerário é uma passagem por lugares quase obrigatórios, porque a escassez da oferta e a diversidade limitada dos lugares assim obrigam. Não há como ser criativo, sobretudo quando a mobilidade é muito limitada. Mesmo assim, a apropriação do espaço é feita até ao limite: além dos «institucionais», como as discotecas, bares, etc., inclui também os informais, como zonas recônditas dos edifícios, largos que dão acesso à zona pedonal junto da falésia, as escadas que conduzem à praia, a própria praia, no Verão. Tudo o que é área disponível pode virar lugar de encontro, ou pelo menos de aglomeração instantânea. Mas a função dos espaços nem sempre é a mesma. Se são visíveis, é uma; se são encobertos ou dissimulados, é outra. A «privatização» do espaço convoca por vezes possíveis intimidades, noutras ilegalidades que se procuram dissimular.

Dizíamos então que a noite é um carrossel de lugares. Não totalmente dispostos ao acaso, como se fossem desprovidos de qualquer ordem. A noite está longe de ser aleatória e desregulada, ainda que as regras que a constituem não sejam exactamente as mesmas que acompanham a ordem diurna. Há dois filamentos de ordenação que precisam de ser vistos. Um primeiro filamento, quase «natural», tem a ver as licenças municipais que concedem as autorizações para abertura dos estabelecimentos nocturnos. Os restaurantes, os cafés são os primeiros a fechar. Quem lá está, tem de partir. São seguidos mais tarde por alguns bares, ainda que a maioria juntamente com as discotecas se mantenham até altas horas, praticamente até madrugada. A discoteca *Katedral* é a última a fechar, tornando-se lugar de encontro obrigatório para todos os noctívagos finais. Todas estas sequências de tempos, criam e ordenam ritmos e movimentos por entre espaços. O itinerário nocturno é a sequência destes lugares. Não uma sequência obrigatória, mas recorrente. O segundo filamento da ordenação é mais subtil, não directamente observável mas intuído, baseando-se na intensidade. Como se a ordenação nocturna fosse também uma ordenação emocional, que exige um envolvimento cada vez mais intenso na actividade que a desencadeia. É a intensificação do vivido através da

sociabilidade, da bebida desmedida, da dança, que se combinam em graus variados ou permanecem separadas umas das outras. Há quem dance e não beba e quem o faça, há quem beba e sociabilize sob sons e ritmos musicais, há ainda quem passe o tempo conversando. São múltiplas as experiências que se organizam em torno desses elementos. Mas qualquer que seja a combinação, existe sempre uma fase de intensificação, em que se procura maximizar as sensações que se experimentam. Prolongá-las, é talvez o que distingue a boa da má noite que, de uma maneira ou de outra, tem sempre de acabar. Como acabá-la, saber como acabá-la, faz também parte da experiência e da cultura noctívagas.

Há ainda um outro filamento através do qual a ordenação se estabelece. Encontra-se articulado ao significado da noite e à sua ordenação temporal. O sair para a noite tem uma localização na hora. Não é mesma para todos. Os mais novos, na sua maioria, executam um ritual de iniciação, ainda muito sob a vigilância familiar, principalmente se são do sexo feminino, com horas de regresso, e transporte garantido por um dos pais. Para eles a noite raramente é longa, sempre aquém do desejo de permanecerem mais tempo, sobretudo quando a hora marcada para o regresso coincide com a hora em que as coisas começam de facto a suceder. Por volta da uma ou duas da manhã a efervescência hedonística instala-se por todo o lado, à medida que chegam os afluentes principais que a animam. Serem os últimos a chegar, ou chegarem quando a cena rola já quente e animada, parece ser a razão de adiar a chegada sempre para mais tarde. Há, evidentemente, também riscos, como o de ficar de fora, pelos menos dos lugares privilegiados, já que tudo está lotado. Ficar na margem da corrente é por vezes o preço que se paga. Mas também é possível furar pelos muros compactos das pessoas que se apinham e se apertam e buscar a companhia de um grupo de amigos acantonado numa mesa ou contra uma parede — única forma de se poder conservar ou reconstituir algum sentido de território e de segurança perante fronteiras e espaços constantemente violentados.

Se a hora de entrada na noite é objecto de um cálculo que, na ausência de outros constrangimentos, toma por parâmetro a efervescência colectiva, a saída é mais regulada pelo encerramento dos espaços. Ficar até ao fim não é um alinhamento de todos. Por cansaço, por aborrecimento ou por falta de companhia ou de transporte a deserção pode ocorrer antes. Para os que ficam, a noite termina com o encerramento de todos os lugares que a abrigam, seja porque a música deixou de se ouvir e a segurança das discotecas dá ordem de dispersão, seja porque a madrugada destapa os lugares

encobertos da escuridão. Como dissemos, a *katedral*, a discoteca que encerra por último, é o contentor dos noctívagos finais. Depois dela, só a rua, ainda deserta de outras presenças, lhes fica entregue. É a caminhada dos que não têm transporte para a outra banda da cidade, a que se afasta do mar e acolhe as casas onde a maior parte deles mora. Antes de chegarem, há ainda uma paragem ou um desvio para saciar a fome que sempre acaba por se manifestar no termo do itinerário da noite que assim termina.

Falámos de itinerários, tempos e lugares. Pode-se agora perguntar de que se enchem? A resposta talvez passe por sociabilidade e excitação. A sociabilidade é o primeiro elemento. Nunca se vai só para a noite. Sai-se sempre em grupo ou para se juntar a ele, mais tarde. A presença dos outros, que são sempre os amigos, é fundamental. É neles que assenta primeiramente a sociabilidade. Feita de palavras, risos, empatias físicas. Separadas das rotinas escolares, laborais ou familiares, as sociabilidades da noite procuram construir um sentido de *communitas*, — o sentimento de estar junto fora das restrições e das rotinas dos tempos e dos lugares. Estimulam por isso a espontaneidade, a auto-expressão. Funções que não são exercidas, ou são menos exercidas na vida quotidiana. Para alguns jovens, a noite resume-se nisso, numa *communitas* de palavras, afectos e identificações. Outros, levam mais longe as formas de expressão. Estar em espaços não quotidianos, o envolvimento da música, a sociabilidade das palavras e dos gestos não são suficientes. O sentido de desligamento apela a emoções e movimento. A excitação é necessária. Entram assim em cena o consumo de álcool e a dança. Expressões da procura de espontaneidade e do sentido de *communitas*, ou se preferirmos da festa, através da qual se almeja revitalizar ou regenerar a vida quotidiana. Por vezes, a excitação que se apodera de certas formas de expressão, visíveis na conversação alcoolizada, no exibicionismo corporal ou da dança, conduz ao excesso. Sob a forma de embriaguez, de intimação sexual ou violência, a noite pode então virar em confusão.

É quando se instala o excesso que os conflitos podem eclodir. Normalmente, a excitação e o álcool são apontados como as causas na medida em que estão quase sempre presentes. A falta de controlo anima a provocação, deixa facilmente transparecer a animosidade, apela mais facilmente à provocação. O conflito começa por uma questão interpessoal. Mas como convoca e se desenrola perante uma audiência, rapidamente apela a solidariedades que podem degenerar em confrontações mais generalizadas. Os pretextos são variados: um olhar mais prolongado é visto como uma provocação, um empurrão ocasional é tido como uma agressão; um sorriso como uma sedução indevida.

O ponto crítico não está no pretexto, mas nas solidariedades e nas divisões que emergem em torno do conflito. Exemplar, nesta óptica, é o que acontece quando os guardas barram à entrada das discotecas a passagem a certos grupos de jovens. Por vezes por denunciarem excessos alcoólicos nos seus comportamentos, noutras por serem portadores de determinados estigmas. A interdição suscita reacção colectiva: protesto, confusão, por vezes, violência. Seja como for que terminem as situações, o conflito revela a existência de divisões sociais e de solidariedades grupais. Os confrontos ocorrem mais frequentemente quando envolvem distâncias sociais. É a percepção dessa distância que convoca a solidariedade de grupo. O conflito na noite não é alheio às divisões da cidade. O sentido de *communitas* de que falávamos não envolve uma fusão colectiva com base num reconhecimento igualitário entre os indivíduos. As divisões sociais acompanham a noite. Nuns casos, criando exclusões; noutros, noções exclusivas de território. Em ambos os casos transportam os gemes do conflito. Fica apenas a faltar o pretexto, e as condições que permitem vertê-lo em conflito.

A noite, para os que a procuram, é feita de várias misturas. De gentes, de locais, de movimento, de excesso. Estes elementos combinam-se num espaço de liminalidade que cria a impressão artificial de se estar à margem das arenas normativas da vida social. A celebração do relaxamento normativo é essencial para fazer emergir um sentido de *communitas* que se expressa na festa e nos rituais que a sustentam. A noite é um outro tempo, noutro lugar que, no entanto, não esquece as contradições e as divisões da cidade que a abriga.

A cidade, os jovens e a noite

A procura da noite tornou-se uma constante da vida moderna nas cidades. Não há cidade que não a tenha, que não a exhiba. Porque a noite é cartão de visita de muitas delas e símbolo de modernidade para muitas das que se regeneram a partir da redefinição de novas valências e funções para os seus antigos e decadentes centros históricos. É um elemento da identidade que se projecta para o exterior na tentativa de atrair mais polaridades e investimentos. A ideia de cidade-cosmopolita apela à diversidade, à extinção das divisões, às temporalidades múltiplas. A noite assume outro significado e função. De tempo do hedonismo, numa economia da autogratisação.

A noite tornou-se jovem. As correntes que enchem as ruas e os espaços da noite são constituídas essencialmente por jovens. De todas as idades. Esta ocupação

desmedida merece uma explicação. Há quem veja nessa ocupação uma resposta dos jovens ao declínio das fontes tradicionais da identidade e às mudanças económicas, educacionais e conjugais que a pós-modernidade operou na forma como vivem e se concebem. Carreiras sob o signo da incerteza, extensos períodos de dependência, declínio das culturas ocupacionais tradicionais, tornam o consumo na cidade uma base da identidade e da aprendizagem da vida moderna. Mas também é possível, como parece ser o caso que estudamos, que o consumo da noite se assuma mais como ritual de passagem, sobretudo nas cidades mais pequenas, sem ou com pouca população universitária. Neste caso, na categoria *jovem*, são os mais novos que predominam, porque maioritários. Se a noite é então rito, como a cidade o estrutura? Com que consequências? Não apenas para os jovens, mas também para a cidade.

Referências bibliográficas

- BENNETT, A. (2000), *Popular music and youth culture: music, identity and place*, Basingstoke, Macmillan.
- BYRNE, David Byrne (2005), Class, Culture and identity: A reflection on absences against presences, *Sociology*, Vol. 39, nº 5, pp. 807-816.
- CHATTERTON, Paul e Robert Hollands (2001), *Changing our toon: youth, nightlife and urban Change in Newcastle*, Newcastle, Newcastle University.
- CHATTERTON, Paul e Robert Hollands (2002), Theorising urban playscapes: producing, regulating and consuming youthful nightlife city spaces, *Urban Studies*, Vol. 39, nº 1, 95-116.
- CHATTERTON, Paul e RACHAEL UNSWORTH (2004), Making space for culture(s) in Boomtown. Some alternative ownership and participation, in Leeds City Centre, *Local Economy*, Vol. 19, No. 4, 361–379.
- CHATTERTON, Paul (2002), Governing nightlife: profit, fun and (dis)order in the contemporary city, *Entertainment Law*, Vol.1, No.2, Summer 2002, pp.23–49
- CHANEY, D. (1996), *Lifestyle*, Londres, Routledge.
- Feixa Pàmols, Carles e Laura Porzio (2005), Jipis, pijos, fiesteros: studies on youth culture in Spain 1960-2004, *Young*, Vol, 13, nº 1, pp. 89-114.
- HOBBS, Dick et al. (2000), Receiving shadows: governanve and liminality in night-time economy, *British Journal of Sociology*, Vol. 51, Nº 4, 701-717.

- HOLLANDS, Robert (1995) Friday night, Saturday night: youth cultural identification in the post-industrial city, <http://www.ncl.ac.uk/youthnightlife/HOLLANDS.PDF>.
- HOLLANDS, Robert (2002), Divisions in the dark: youth cultures, transitions and segmented consumption spaces in the night-time, *Journal of Youth Studies*, Vol. 5, No. 2, pp. 153-171.
- HOLLANDS, Robert and Paul Chatterton (2002), Changing times for an old industrial city: Hard times, hedonism and corporate power, in Newcastle's nightlife, *CITY*, Vol. 6, NO. 3, pp. 291-315.
- HOBBS, Dick, Stuart LISTER, Philip HADELD, Simon Winlow e Steve HALL (2000), Receiving shadows: governance and liminality in the night-time economy, *British Journal of Sociology*, Vol. No. 51, N° 4, pp. 701–717.
- MAGNANI, José Guilherme Cantor (2005), Os circuitos dos jovens urbanos, *Tempo Social*, Vol. 17, N° 2.
- MALBON, B. (1999), *Clubbing: Dancing, Ecstasy and Vitality*, Londres, Routledge.
- MARGULIS, Mario et al. (2005), *La cultura de la noche: la vida nocturna de los jóvenes en Bueno Aires*, Buenos Aires, Editorial Biblos.
- MELBIN, Murray (1978), Night as frontier, *American Sociological Review*, Vol. 43, N° 1, pp. 3-22
- Redhead, S. (1997), *Subculture to Clubcultures*, Oxford, Blackwell.
- SANDERS, Bill (2005), In the Club: Ecstasy Use and Supply in a London Nightclub, in *Sociology*, Vol. 39, N° 2, pp. 241-258.
- SHILDRICK, Tracy (2006), Youth culture, subculture, and the importance of neighbourhood, *Young*, Vol. 14., n° 1, pp. 61-74.
- SKELTON, T. e G. Valentine, (Eds.) (1998), *Cool places: geographies of youth culture*, Londres, Routledge.
- SOBEL, M. (1981), *Lifestyles and social structure: concepts, definitions, analyses*, Nova Iorque, Academic Press.